

INFLUÊNCIA DE MARX NO PENSAMENTO ECONÔMICO DA U. R. S. S.

ANNIBAL VILLANOVA VILLELA *

Esta nota tem como objetivo averiguar que influência tiveram as idéias de Marx na U.R.S.S.

Penso não incorrer em exagero ao dizer que as idéias de Marx têm tudo uma influência decrescente no pensamento econômico na U.R.S.S. Na verdade, o auge da influência deu-se durante o período que vai de antes da Revolução até o primeiro plano quinquenal (1928-32). Na era de Stalin, com raras exceções, foi proibido o debate de problemas de teoria econômica. Após sua morte o debate se tornou livre e, ainda que de maneira velada, se passou a questionar o postulado básico da economia marxista ou a chamada lei do valor *zakon stoimosti*, o que tem conduzido às modificações contínuas por que tem passado o sistema econômico soviético e que são comumente denominadas de “descentralização” pelos soviétologistas.

Para fins didáticos, então, esta nota considerará a influência do pensamento de Marx durante dois períodos: Pré-Revolução até 1.º Plano Quinquenal e Após Stalin.

I. PERÍODO PRÉ-REVOLUÇÃO ATÉ 1.º PLANO QUINQUENAL

Nos anos imediatamente anteriores à Revolução, existiam na Rússia laços estreitos com o pensamento econômico ocidental. Havia um estorço de simbiose das idéias de Marx e Ricardo com as tendências con-

*) Do Instituto Brasileiro de Economia, FGV.

temporâneas no Ocidente. Dois grandes economistas — Tugan Baranovski e Struve eram os expoentes desse grupo. Este último utilizava Marx principalmente no que dizia respeito a um *background* sociológico amplo. A parte econômica propriamente dita era baseada em Ricardo e se mesclava com a análise dos economistas matemáticos e da escola austríaca. Em síntese, um de seus pontos básicos era a complementaridade da teoria do valor trabalho com a da utilidade marginal.¹ Entre outros, Dmitriev reconhecia a irreconciliabilidade de Ricardo com as proposições de Marx sobre “o trabalho socialmente necessário”, nas quais o valor se baseava no conteúdo médio de trabalho.²

Onde as idéias de Marx tiveram grande impacto, tanto nos anos antes da Revolução como depois, foi na macroeconomia. Na realidade, o modelo macroeconômico de Marx gozou de posição monopolística durante a era pré-keynesiana. Ele foi usado e reelaborado no fim do século 19 e durante a década dos 20, durante os famosos debates sobre a industrialização. Tugan Baranovski reconheceu sua importância e, incidentalmente, deduziu dele o corolário de que a condição para o crescimento do sistema econômico seria a mais rápida expansão do setor de bens de capital.

Foi natural que a Revolução tendesse a dar importância dominante aos ensinamentos de Marx. Todavia, no período da Nova Política Econômica (1921-1928), quando se praticou uma experiência de economia mista, os laços com o pensamento econômico ocidental foram renovados. Os trabalhos de Bazarov e Yushkov são característicos da época. Em 1928, Bazarov elaborou um modelo de um sistema misto, com dois setores, dos quais apenas um seguiria as regras da lucratividade — seria reservada boa área de operação para o emprego do mecanismo do mercado na alocação dos recursos.³ Já Yushkov utilizou o método marginalista, baseando seu cálculo econômico nos custos de oportunidade.⁴

1 ZAUBERMAN ALFRED, *Changes In Economic Thought, Survey* — July 1967.

2 ZAUBERMAN ALFRED, *ob. cit.*

3 BAZAROV V., Princípios para construção de planos perspectivos (Printsip postroenia perspektivnogo plana *Planovoe Khoziaistvo*, n.º 2, 1928 e Sobre a metodologia para a construção de planos perspectivos (O metodologii postroenia perspektivnogo planov), *Planovoe Khoziaistvo*, n.º 7. Ambos os trabalhos publicados em N. Spulber-Foundations of Soviet Strategy for Economic Growth. *Selected Soviet Essays*, 1924-1930, Bloomington, 1964.

4 YUSHKOV L., Problemas Básicos da metodologia do planejamento (Osnovnyy opros planovoi metodologii), *Vestnik Finansov*, n.º 10, citado por A. Zauber-
man, *ob. cit.*

O problema do crescimento econômico dominou o pensamento econômico da época, razão pela qual a doutrina oficial invocou a autoridade de Marx e Lenin, adotando, na sua estratégia de crescimento, a prioridade para o desenvolvimento dos setores de bens de produção. Feldman construiu seu hoje famoso modelo,⁵ o qual foi reconhecido por Domar como aparentado ao seu próprio e ao de Harrod.⁶ No entanto, seu modelo ficou esquecido durante cerca de trinta anos. Nêles foram consideradas variantes de crescimento não equilibrado, conforme sugere o título de seu artigo — crescimento contínuo ou acelerado, relacionando-as à estrutura da economia, produtividades diferentes dos fatores de produção, níveis de consumo, etc. A razão pela qual um trabalho de tal calibre foi pôsto de lado é que êle apresentava um conjunto de alternativas viáveis, mostrando as limitações que cercam a área de manobra do planejador. Nada disso interessava a Stalin que, obcecado por sua idéia de desenvolver ao máximo o setor de bens de produção, não queria ouvir falar em alternativas que indicavam os efeitos da adoção de diferentes políticas. O seu absolutismo substituiu qualquer indagação e evitou dúvidas.

II. PERÍODO APÓS STALIN

Conforme dissemos, a discussão renovadora da teoria econômica na U.R.S.S. tem como centro a chamada lei do valor de Marx, i.e., a teoria de que o trabalho apenas é a fonte de valor e que êste é igual a $c+v+m$, em que c é o capital constante (bens gastos no processo de produção, i.e. matérias-primas + depreciação dos equipamentos e instalações), v , o capital variável (recompensa do trabalho) e m , mais valia.⁷ Deixaremos de lado as tediosas explicações escolásticas atribuídas a Stalin⁸ referentes à existência da lei do valor numa economia socialista, onde ela, *strict*

5 FELDMAN G.A., Sobre a teoria das taxas de crescimento da renda nacional (K teorii tempov narodnogo dokhoda), *Planovoe Khoziaistvo*, n.º 11, 1928 e n.º 12, 1929. Publicado em N. Spulber-Foundations of Soviet Strategy for Economic Growth.

6 DOMAR E., *Essays in the Theory of Economic Growth*, New York, 1957.

7 Segundo a terminologia soviética, m só é denominado mais valia quando se aplica o termo a uma economia capitalista. No contexto da economia soviética, emprega-se o termo valor excedentário.

8 Cf. Chanter XXXII — Commodity Production, The Law of Value and Money In Socialist Society, *Political Economy*, livro texto do Instituto de Economia da Academia de Ciências da U.R.S.S., 1957.

sensu, não deveria operar. Em resumo, o que se atribui a Stalin é que essa lei só se aplicava no que dizia respeito às transações de compra e venda com as colcozes e cooperativas, rede de comércio varejista e comércio exterior. Em tais casos havia mudança de propriedade e, portanto, tais bens eram mercadorias no sentido marxista. Já no que se refere aos produtos que circulam dentro do setor estatal, i.e., o grosso dos bens de produção, eles são produzidos e transferidos de acordo com o plano, sem mudança de propriedade e, conseqüentemente, não são mercadorias e não estão sujeitos à lei do valor.

A dificuldade na aplicação da fórmula de Marx — valor = $c+v+m$ — está na maneira de calcular m , de vez que $c+v$ são passíveis da identificação para cada bem separadamente, constituindo o chamado *sebestoimost* ou custo primário. O mesmo não acontece com m . No nível macroeconômico, m pode ser definido e calculado como a fração do valor total do produto material, i.e., da renda nacional no conceito soviético, que não é paga como recompensa ao trabalho. No entanto, para cada produto em separado m não é conhecido, de vez que sua magnitude não é identificável como tal. Como bem diz A. Nove,⁹ citando Pashkov: “já que não se sabe a magnitude do valor de uma mercadoria, tôdas nossas discussões sobre a discrepância entre preços e valores são apenas adivinhações.”

II.1 *Propostas para Reformas dos Preços Industriais*

Estamos interessados em examinar o impacto de Marx no pensamento econômico atual da U.R.S.S. É precisamente no que diz respeito à lei do valor no contexto dos preços industriais que se têm realizado os debates mais interessantes. Esses debates abrem perspectivas para modificações no sistema soviético, as quais, eventualmente, levariam à adoção de um socialismo de mercado. Examinaremos as três correntes de pensamento que têm apresentado propostas para a revisão efetiva do esquema de preços industriais.

Os economistas soviéticos, ao aplicarem a fórmula valor = $c + v + m$ à economia da U.R.S.S. como um todo, consideram o *sebestoimost* como $c+v$, conforme já foi visto, e o total dos lucros das empresas e do imposto

9 Cf. *The Soviet Economy*, Praeger University Series, 1961.

sobre a circulação como a mais valia ou *m agregado*.¹⁰ Uma das críticas à formação dos preços industriais é que, como os preços dos bens de produção contêm substancialmente menos lucros e impostos de circulação *m* em relação ao *sebestoimost* $c+v$ do que os preços dos bens de consumo, os bens de produção como um grupo têm preços inferiores a seu valor. Além disso, como a mais valia *m* não é adequadamente distribuída nos preços das diversas mercadorias, os preços relativos dos bens de produção não correspondem a seus valores relativos. Logo, tanto o nível como a estrutura dos preços dos bens de produção se desviam de seu valor marxista.

Como os preços dos bens de produção se desviam de seus valores, quer em sentido agregado, quer relativamente entre eles, dão indicação inadequada para as decisões de escolha dos planejadores e gerentes de empresa. É óbvio que, se os preços relativos não estão corretos, as escolhas sobre as alternativas de produção ou de uso de *inputs* serão erradas. Já que os bens de produção como um grupo são considerados mais baratos do que os bens de consumo, ao se calcularem as despesas de produção, tanto as matérias-primas como a maquinaria são subavaliadas em relação ao trabalho, causando, assim, injustificável substituição de trabalho por capital e matérias-primas. Essas deficiências nos preços dos bens de produção levam além do mais, às seguintes distorções:

- (i) nas comparações dos preços internos e externos das importações e exportações;
- (ii) na utilização eficiente de metas em valor para controlar e avaliar a operação das empresas, pois os níveis ou taxas de lucros e prejuízos passam a não ter relação com a performance das mesmas;
- (iii) a participação da indústria pesada é subestimada na distribuição da renda nacional por setor de origem, enquanto a participação do investimento é subestimada em relação ao consumo na distribuição do produto nacional.

¹⁰ Esta apresentação do debate sobre os desvios entre valor e preços e as reformas propostas segue de perto, em grande parte, o excelente estudo de MERVIS BORNSTEIN, *Soviet Price Theory and Policy*, publicado em *New Directions In The Soviet Economy*, Studies Prepared For The Sub-Committee On Foreign Economic Policy-Congress of the United States of America, Part I-Economic Policy, 1966.

II.1.1 *Corrente tradicionalista*

Advoga a manutenção do sistema tradicional de formação de preços industriais, sugerindo ajustamentos moderados, a fim de melhorar a estrutura dos preços dos bens de produção, sem alterar significativamente os seus níveis. Para ela, o emprêgo dos preços como instrumentos de contrôle implica em muitos desvios entre preço e valor, a fim de promover a eficiência nas emprêsas, levar em conta a oferta e procura de fatores, incentivar ou não o consumo de certos bens, etc.. Ela não vê necessidade de grande aumento no nível geral dos preços dos bens de produção com o fim de incorporar a êles mais valor excedentário (mais valia). Acha esta escola que o importante é que se proceda a ajustamentos seletivos na estrutura dos preços dos bens de produção, visando acabar com os prejuízos ou os lucros excessivos, estabelecer as relações corretas de preços entre substitutos, encorajar a introdução de novas máquinas, etc..

II.1.2 *Corrente do markup do valor excedentário (m)*

Esta corrente propõe adicionar-se um *markup* uniforme do valor excedentário (mais valia) m , proporcional ao *sebestoimost* $c + v$ para se chegar a um preço igual ao valor $c + v + m$. Acha ela que se deve elevar o nível dos preços por atacado dos bens de produção, sem qualquer alteração no nível geral dos preços por atacado (ou a varejo) dos bens de consumo. Isso seria feito mediante o deslocamento parcial do valor excedentário (lucros + imposto sôbre circulação) dos bens de consumo para os bens de produção, a fim de elevar êsses em relação àqueles.

Na realidade, existem quatro variantes nessa corrente, de vez que os seus membros não são unânimes quanto à maneira pela qual se distribuiria o valor excedentário pelos preços dos bens. Para uns, a base em relação à qual se deveria adicionar o *markup* é o custo do trabalho; para outros, é o *sebestoimost*; uma terceira facção quer que seja o capital e uma quarta, uma combinação de custo do trabalho e capital.

(i) A facção mais ortodoxa propõe relacionar o *markup* do valor excedentário ao custo do trabalho, i.e., à folha de salários, a fim de se chegar a preços que se baseiam verdadeiramente no "valor trabalho". O *markup* uniforme seria como segue:

$$p = c + v + v \frac{M}{V} = c + v \left(1 + \frac{M}{V} \right)$$

p = preço; c = custos médios, por ramo industrial, das matérias-primas + depreciações, por unidade de bem produzido; v = salário médio do ramo industrial por unidade de bem produzido; M , o valor excedentário total a ser distribuído entre os bens e V , o total da fôlha de salários dos empregados engajados em "produção material". Os preços das matérias-primas e das depreciações do capital em c seriam também calculados de maneira idêntica.

(ii) O *markup* seria relacionado ao *sebestoimost* total $c + v$. p , c , v , M e V são definidos da mesma maneira e C representa o custo material total, (incluindo depreciações) do agregado "produção material":

$$p = c + v + (c + v) \frac{M}{C + V} = (c + v) \left(1 + \frac{M}{C + V} \right)$$

(iii) O *markup* é relacionado ao capital. p , c , v e M são definidos da mesma maneira, k representa o valor médio de capital fixo e de giro por unidade de produto e K é o capital fixo e de giro total usado na "produção material":

$$p = c + v + k \frac{M}{K}$$

Para essa variante, o valor excedentário é dependente não apenas da quantidade de trabalho vivo empregado na produção mas também de sua produtividade que, por sua vez, é função do capital de que ela dispõe.

(iv) O *markup* seria, em parte, relacionado ao custo do trabalho e em parte ao do capital. p , c , v , k e K são definidos da mesma maneira, M_1 é a parte do valor excedentário a ser distribuída em proporção à fôlha de salários e M_2 , a parte a ser distribuída em relação ao capital:

$$p = c + v \left(1 + \frac{M_1}{V} \right) + k \frac{M_2}{K}$$

Tôdas as fórmulas anteriormente vistas têm como base o custo, deixando de lado a demanda como elemento básico no valor e no preço. Além disso, elas não reconhecem qualquer relação entre valor e alocação

de recursos, que seria realizada mediante diretrizes em termos físicos, suplementadas por discrepâncias escolhidas do preço em relação ao valor obtido pela fórmula empregada.¹¹

II.1.3 *Corrente dos Custos de Oportunidade*

Apresentaremos de maneira sumária as idéias dos dois principais autores dessa corrente, i.e., Kantorovich e Novozhilov.

Kantorovich

Este autor, que em 1939 havia descoberto a programação linear, ao resolver um problema de maximização da produtividade das máquinas do Truste de Compensados de Leningrado, teve em 1959 o seu livro *Cálculo Econômico da Utilização Ótima de Recursos*¹² publicado pela Academia de Ciências da U.R.S.S. Havia êle sido redescoberto como pioneiro após a morte de Stalin.

Na obra citada, Kantorovich, que havia usado em 1939 uma variante dos multiplicadores de Lagrange para resolver o seu problema de máxima e mínima, passou a chamá-los explicitamente de "avaliações objetivamente determinadas". Chama êsses valores de objetivamente determinados porque são particularmente definidos pelas condições do problema. A alocação dos recursos que maximiza (ou minimiza) a variável de interesse é consistente com apenas um conjunto de valores dos multiplicadores. Não usa a palavra *stoimost* para definir os seus índices de valor, de vez que a mesma tem uma conotação marxista bem definida, como já vimos, mas *otsenki* (avaliações), as quais são nada mais, nada menos, do que os *shadow prices* dos economistas ocidentais.

O principal uso de suas "avaliações" é substituir os preços baseados nos registros contábeis. Refletem não apenas os aspectos de custo do valor mas também os aspectos de demanda e, dessa maneira, a sua adoção desencorajaria as irracionalidades de alocação do sistema soviético, no qual um produtor é incentivado a produzir algo que parece barato mas que, na verdade, é um desperdício de recursos escassos, ou a fazer algo

11 Utilizando a tabela de *input-output* de 1959, V. D. Belkin calculou os impactos da adoção de diferentes fórmulas de *markup* do valor excedentário sobre o nível e a estrutura dos preços industriais, cf. Morris Bornstein, op. cit.

12 *Ekonomicheskii Raschiot Nailuchiego Ispolzovania Resursov*, Moscou, 1959.

que parece muito produtivo e que na realidade não é vitalmente necessário.

Kantorovich reconstruiu a maior parte da teoria da produção do ocidente, embora sob a forma moderna de programação linear, em vez de na forma tradicional que supunha funções de produção contínuas e diferenciáveis.¹³

Novozhilov

Novozhilov também chegou a concepções gerais do valor através de um problema limitado de alocação de recursos, ou seja, o da alocação de capital. Havia uma dificuldade básica de ordem ideológica que barrava a formulação de regras práticas para orientar a substituição de capital por trabalho ao se projetarem novas fábricas, novos produtos, etc. Qualquer regra prática implicaria em reconhecer a produtividade do capital, o que seria uma oposição à teoria do valor trabalho. Além do mais, havia o perigo de se envolver no tabu relativo à distribuição dos investimentos entre indústria de bens de consumo e de bens de produção.

O autor, que desde 1939 ocupava-se de problemas da eficiência dos projetos de investimentos, teve também em 1959 um de seus melhores trabalhos publicado sob a égide de Nemchinov¹⁴, *A Mensuração da Despesa e Seus Resultados na Economia Socialista*, no qual propõe-se medir os custos através de uma teoria do valor baseada nos custos de oportunidade. Diz êle que se deveria levar em conta não apenas o trabalho usado na produção de um bem, mas também todos os outros recursos usados como terra e capital, de vez que são limitados em suprimento e seu uso na produção de um bem significa que não podem ser usados para economizar no trabalho necessário à produção de outro bem qualquer.

Para Novozhilov, o cálculo econômico numa economia socialista consiste em maximizar a eficiência do trabalho, i.e., de produzir o pro-

13 Robert W. Campbell — Marx, Kantorovich, And Novozhilov: Stoimost Versus Reality, Slavic Review, Vol. XX, n.º 3, 1961.

14 Izmirienie Zatrata i ix Rezultatov v Sotsialistichieskom Koziaistvie, Moscou. Este trabalho foi mais fácil para Nemchinov recomendar, pois o autor expressa sua teoria em termos do *input* trabalho. O mesmo não se dava com o trabalho de Kantorovich que, de maneira mais aberta, propôs suas idéias sem se preocupar em reconciliá-las explicitamente com a doutrina marxista.

duto nacional com o menor gasto possível de trabalho. Para isso, é necessário não apenas minimizar o custo do trabalho envolvido na produção de cada componente do produto nacional, de vez que, além do trabalho direto que entra em cada produto, existe uma segunda espécie de despesa de trabalho que chama de "despesa de trabalho inversamente relacionada". Trata-se de um conceito idêntico ao do custo de oportunidade. Isso se deve ao fato de que existem certos *inputs* que são escassos durante qualquer período do plano. Assim, se se minimizar o *input* trabalho em um produto qualquer, substituindo-o por êsses *inputs* escassos, o custo do trabalho de outras produções na economia subirá. A tarefa de reconciliar os esforços para minimizar o custo de cada bem separadamente, com o objetivo de gastar o mínimo possível de trabalho para a produção como um todo, requer que se leve em conta êsses custos inversamente relacionados. Para isso, é necessário haver uma medida que indique a eficiência de cada *input* escasso na poupança de trabalho. Se se conhecerem êsses custos, eles deverão ser usados como os preços dos demais *inputs*. Dêsse modo, tôdas as decisões parciais que objetivam minimizar os custos levarão em conta não apenas as despesas diretas de trabalho mas também as indiretas, e a soma dos esforços parciais para minimizar o custo estará de acôrdo com a meta de tornar mínimo o *input* trabalho para a produção como um todo. Novozhilov demonstra matematicamente essas proposições, mostrando como os problemas da alocação e do valor são interrelacionados, ou seja, que o valor não pode ser determinado pela contabilidade, mas que surge apenas do problema de alocar recursos de uma maneira ótima.

A semelhança do método de Novozhilov com o dos economistas ocidentais é evidente. Apenas, para salvar as aparências de ortodoxia marxista, evita tratar dos determinantes da composição do produto nacional em bens de consumo e de produção e expressa todos os seus valores em termos de *input* trabalho.

Campbell¹⁵ assinala bem que as teorias de Kantorovich e Novozhilov são ainda teorias do valor baseadas no custo e que, em termos da metáfora da tesoura de Marshall, acontece que, como uma das lâminas está parada (i.e. que a demanda é dada), é o movimento da outra lâmina (custo ou suprimento) que corta o papel. Embora constituam um progresso em relação à teoria do valor trabalho, ainda são incompletas.

15 Ob. cit. p. 416.

III. CONCLUSÕES

As idéias de Marx foram de importância ao se formularem soluções para os problemas que se apresentavam ao planejamento de uma economia subdesenvolvida, como a da U.R.S.S. na década dos 20. A prioridade a ser dada ao setor de bens de produção era o postulado básico da estratégia soviética de desenvolvimento e, tendo sido seguida à risca, explica o espantoso crescimento econômico do país em pouco mais de quarenta anos. Todavia, a sofisticação já atingida pela economia soviética no setor industrial e, ao mesmo tempo, o atraso que ainda subsiste em sua agricultura, não mais permitem o emprêgo de fórmulas simplistas. Conforme vimos, os soviéticos estão redescobrando a teoria do valor e dos preços, embora sob a roupagem matemática. Marx, portanto, foi ultrapassado. Entretanto, ainda passará algum tempo segundo os soviologistas, até que a U.R.S.S. adote um sistema econômico do tipo dos modelos iugoslavo ou polonês, i.e., um socialismo de mercado.